

Notas e Recensões

uma base imprescindível, não só, obviamente, para o estudo da tradição em Cuba, como também para o estudo do romancero pan-ibérico. Notem-se, além disso, as seguintes palavras da autora:

Tenemos noticia [...] de que la tradición romancística sigue viva em Cuba, ya que los investigadores del Centro de Investigaciones de la Cultura Cubana "Juan Marinello" han tenido oportunidad de registrar textos de romances tradicionales en el curso de su trabajo de recolección de materiales folclóricos con que se elabora el *Atlas de la cultura popular tradicional cubana*. [...] No fue posible contar con esos textos para esta publicación, pero confiamos en que se darán a conocer en un futuro no muy lejano (pp. 11-12).

Possa esta obra de Beatriz Mariscal constituir um incentivo para a publicação desses textos, e também para que novas recolhas sejam feitas e divulgadas em livro. O presente *Romancero general de Cuba* poderá servir não só de completo manual de recolha mas também de ótimo modelo para a publicação dos materiais.

FRONTEIRAS DO LITERARIO: LITERATURA ORAL E POPULAR BRASIL/FRANÇA. ORGANIZADO POR ZILA BERND E JACQUES MIGOZZI, COLEÇÃO ENSAIOS CPG-LETRAS; 1, PORTO ALEGRE: EDITORA DA UNIVERSIDADE/UFRGS, 1995. 143 PP.

Beatriz Weigert*

O Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul inaugura a "Coleção Ensaios" com o volume dedicado à Literatura Oral e Popular do Brasil e da França. A organização do volume é da responsabilidade da Professora Doutora Zilá Bernd, pesquisadora e docente dessa Universidade, e do Professor Doutor Jacques Migozzi, pesquisador e docente da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Limoges.

O livro reúne sete trabalhos, organizados em duas secções. A primeira, intitulada "Literatura Popular: um conceito problemático", alinha os seguintes ensaios: "Dez anos de pesquisa em literaturas populares: o estudo da pesquisa visto de Limoges", de Jacques Migozzi; "Escritura da voz e memória do texto: abordagens atuais da literatura popular brasileira", de Idelette Muzart Fonseca dos Santos; "Matrizes impressas da oralidade", de Jerusa Pires Ferreira; "Brasil, música e letras", de Cláudia Neiva de Matos. A segunda parte traz o título de "Literatura e Oralidade Popular: da tradição à mestiçagem", e contém os trabalhos: "Inscrição do oral e do popular na tradição literária brasileira", de Zilá Bernd; "Literatura de cordel e tradição oral: o exemplo do sertão do Rio Grande do Norte", de Julie Cavignac; "Expressões femininas na literatura oral", de Ria Lemaire.

As ilustrações do livro são cópias de nove capas de Folhetos de Cordel, em cujos títulos se observa, por vezes, o desvio linguístico. As capas pertencem as histórias *Lampião e Maria Bonita no Paraíso do Édem*, *Tentados por Satanás*; *A Prisão do Gigante da Montanha Assombrosa*; *O Violino do Diabo, ou o Valor da Honestidade*; *O Lubisomem da*

* Departamento de Linguística e Literaturas. Universidade de Évora. 7000 ÉVORA. Portugal.

Paraíba; A Chegada de Lampião no Inferno; Nosso Mundo Moderno; O Cavalo Voador ou Julieta e Custódia; A Vinda da Besta-Fera; História da Donzela Teodora.

O conjunto dos textos de *Fronteiras do literário* forma um elenco significativo de elaboração científica e sensibilidade artística. Trata-se não só da reflexão em torno de conceitos teóricos, mas da apresentação de resultados obtidos através de pesquisas bibliográficas e de campo. Os textos dialogam entre si, e mesmo as ilustrações complementam afirmações ali explicitadas.

À provocação do "conceito problemático", responde Jacques Migozzi, abrindo a sessão e dando notícia das investigações desenvolvidas no Centre de recherches sur les littératures populaires (Université de Limoges). Inicia pela análise da designação "literatura popular" e seu "erratismo nocional" ou "flutuação terminológica" — como ele diz — abrangendo tanto a literatura oral — com os gêneros tratados pelos folcloristas: tradições, lendas, cantos, canções, provérbios, adivinhas e superstições — quanto a literatura de colportagem e o romances-folhetim. A "disputa terminológica" resolve-se pela designação "Paraliteratura", cuja etimologia permite transitar, em oposição ou aproximação, por diferentes tipos de produção literária. A designação recebe confirmação ao serem publicados os livros "Introdução à paraliteratura" de Daniel Couegnas e "A Paraliteratura" de Alain-Michel Boyer (1992), e torna-se mais concreta com a instalação, em Chaudfontaine, na Bélgica, da Biblioteca das Paraliteraturas.

Paraliteratura, infraliteratura, contraliteratura, literatura marginal são rótulos de exclusão, diz Idelette dos Santos, professora da Universidade Federal da Paraíba. São denominações atribuídas àquela produção literária que se afasta da definição de literatura letrada. E, definindo-se como nomes substitutos de Literatura Popular, trazem consigo a marca sociológica de referência a um público determinado. A autora, procedendo como Jacques Migozzi, inicia seu trabalho, analisando a abrangência da designação "Literatura Popular", concluindo por sua imprecisão.

Como "popular e analfabeta", diz Idelette, Paul Sébillot define a Literatura Oral. Essa noção, contudo, vai sendo acrescentada de correções. E é em relação às "fronteiras que situam e definem" a literatura oral e popular no Brasil, que se dedica esta investigadora. Ao procurar os traços que delimitam voz-escrita, indivíduo-colectividade, tradição-criação, Idelette encontra não a ruptura, mas as margens que indicam continuidade, proximidade, deslocamentos e travessias.

Deslocamentos e travessias propõem "as matrizes da oralidade" de Jerusa Ferreira, Professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Essa estudiosa pesquisa heranças e parentescos. De facto, ela esclarece que o *Livro de Carlos Magno* ou *História de Carlos Magno* — de tantas e sucessivas edições — constitui matriz de um conjunto de folhetos tradicionais. Jerusa constata haver uma tendência generalizada de "atribuir à tradição oral um peso excessivo e um poder de originalidade de criação" na produção dos Folhetos Populares ou Folhetos de Cordel. Mas esse poder não vem apenas por via da oralidade. A grande matriz oral, efectivamente, conserva a ancestralidade de enredos e situações, mas ela convive em regime de oralidade mista com outro conjunto que é o da matriz impressa.

O texto escrito é essa matriz que, incluindo muitos gêneros literários — mesmo o teatro —, deve, de algum modo, coincidir com as expectativas do universo popular. Para entender o alcance da oralidade, não se pode desconhecer o alcance e extensão do circuito impresso.

Notas e Recensões

Jerusa detecta a presença de composições lendárias russas no folclore brasileiro. E especificamente estuda o folheto de cordel intitulado *A Princesa Maricruz e o Cavaleiro do Ar* que é a versão poética brasileira de *A história do cavaleiro corcunda*, poema de Iérchov, autor russo do século XIX, criado a partir da lenda do *Pássaro de fogo*, da tradição oral de seu povo. É esse conto que serve de matriz a Severino Borges da Silva, que, na década de mil novecentos e sessenta, entre as suas muitas histórias de encantamento, cria a *Princesa Maricruz* (nome para o qual a investigadora não encontra justificativa). A passagem do poema ao folheto intermedia-se de muitas versões adaptadas e traduzidas a circular em colectâneas destinadas ao público infantil.

Cláudia Neiva de Matos tem como subtítulo de seu trabalho "Literatura Brasileira e Folclore: de Sílvio Romero a Mário de Andrade". A autora inicia sua pesquisa, reflectindo sobre o interesse pelo folclore que, no século XIX, marca as investigações levadas a efeito na Europa e na América, em que as "letras educadas" voltam-se para a "fala analfabeta" no intuito de incorporar "genealogias, origens e destinos das culturas nacionais".

A autora considera, no Romantismo Brasileiro, o escritor José de Alencar, com seu projecto literário que evolui do indianismo para a temática popular. Sua preocupação pelo conteúdo regional progride de romances como *O Gaúcho*, *Til* e outros para a série de artigos do "Nosso Cancioneiro" de 1875. Diz a escritora que José de Alencar "exerce olhar, ouvido e linguagem de artista".

Sílvio Romero, no entanto, contesta as abordagens estéticas da cultura, realizadas pelo criador de *Iracema*, opondo a elas o critério próprio, que é científico-etnográfico. Confirmando esse empenho, Cláudia aponta Romero como o primeiro intelectual "a enunciar, valorizar e apreciar criticamente a presença do negro na cultura brasileira, abrindo caminho para as reflexões de Arthur Ramos e de Gilberto Freyre". E Luís da Câmara Cascudo refere os *Cantos* (de 1883) e *Contos Populares* (de 1885) de Sílvio Romero como os primeiros documentos sobre a Literatura Oral Brasileira.

Mário de Andrade, desde muito cedo, volta-se para a pesquisa folclórica de que são fruto os livros *Modinhas Imperiais* e *O Samba Rural Paulista*. Para ele, a investigação sobre o folclore é o caminho pelo qual se atinge a união entre o erudito e o popular "na construção de uma arte moderna e nacional". As obras de Mário de Andrade e de Sílvio Romero assinalam momentos em que "o saber literário dialoga com a etnografia".

As *Fronteiras do literário*, na segunda parte, inclinam-se para o percurso da "tradição à mestiçagem", tema de eleição de Zilá Bernd. Definindo conceitos, a autora encarece a compreensão de "formas impuras e puras", recorda a palavra grega *hybris*, geradora de "híbrido", enuncia a carga significativa de "miscigenação", para nos colocar diante do peso racista e negativo que a palavra "mistura" tradicionalmente possui. Esclarece que a noção de "mistura" associada à desordem, à confusão e à impureza transita para a teoria e crítica literárias que, desconfiadas, votam à suspeita o que quer que mescle géneros e estilos. No entanto, esse conceito de "mistura", através da História, evolui. E é Alejo Carpentier quem teoriza sobre o "néo-barroquismo", onde se esconde a noção de "realismo maravilhoso", vinculado à "crioulidade". Essa "crioulidade", para Carpentier, constitui a consciência do indivíduo latino-americano, ciente de suas raízes tingidas de índio, negro, e branco, mas convencido de uma identidade nova, a constituir um novo ser, ou *ser um novo*. E então o "hibridismo", passa a significar, não mais anomalia, mas "mistura" necessária à "fertilidade das trocas".

Nessa linha de troças e aquisições, invasão e apropriação, ressalta “uma das principais figurações do híbrido”, que é o sincretismo, palavra que designa a “fusão de elementos culturais distintos e até antagônicos, engendrando elementos novos”. Ajustam-se, então, como exemplo, os cultos afro-ameríndios que, associados à religião católica apostólica romana, fundam o candomblé e o vodu.

A Literatura, como não podia deixar de ser, regista esses percursos da cultura. E Zilá Bernd ilustra suas reflexões teórico-culturais, recorrendo à Literatura Brasileira e à Literatura Antilhana. Do autor João Ubaldo Ribeiro, menciona *Viva o povo brasileiro* e dois contos de *Já podeis da pátria filhos e outras histórias* (1981-1991); de Patrick Chamoiseau, enumera *Chronique des sept misères* (1986), *Solibo Magnifique* (1988) e *Texaco* (1992). Esses autores prestigiam a oralidade de algumas comunidades, no sentido de conservar-lhes extratos importantes da cultura. Zilá conclui dizendo que “a reutilização do menor (oral e popular) na montagem maior, em uma perspectiva de profanação e de subversão da tradição literária brasileira e latino-americana letrada, vem trazer a lufada de oxigênio necessária à ecologizado sistema”.

Sobre o sincretismo religioso, incluído em outras manifestações de carácter cultural, fala Julie Lavignac, professora da Universidade de Bordeaux II. Essa investigadora volta-se para comunidades rurais do Estado do Rio Grande do Norte, abordando o tema “Literatura de Cordel e Tradição Oral”. Contudo, para compreender essa produção literária recorre à etnografia, e vai atrás das práticas religiosas que dão suporte à criação verbal. Em verdade, é instigante o facto de registar-se, em comunidades predominantemente analfabetas, a permanência de uma literatura popular escrita, com publicação regular há mais de um século. Destriçar, no entanto, oralidade e escrita apresenta-se como tarefa quase impossível de realizar. Há procedimentos de oralidade e de escrita que se confundem, pois sua interacção é eloquente, seu intercâmbio, cerrado. Os folhetos de cordel, ou romances, reproduzem o tratamento do texto oral. As narrativas orais, por sua vez, utilizam mecanismos do texto escrito. Como a narrativa oral, os textos escritos também multiplicam-se e diversificam-se. Há verdadeiras cópias com insignificantes alterações, e há muitas versões do mesmo tema. Muitas vezes, as narrativas escritas por um autor conhecido integram-se a outras histórias da tradição, tornando-se, de facto, textos orais.

Essas narrativas orais e escritas reproduzem o universo particular das comunidades do sertão brasileiro, que é predominantemente religioso. É uma “religiosidade mestiça” contornada por um “fanatismo católico-fetichista” que agrega representações afro-ameríndias-cristãs e heróis locais da vida espiritual e da experiência política. A galeria de mitos, o acervo de crenças, superstições, preces e curas são registados em folhetos de cordel e perpetuados na tradição oral.

Da tradição oral na expressão feminina fala Ria Lemaire, professora do Departamento de Português da Universidade de Poitiers. Ao analisar os dois segmentos de seu título, a autora vê a abrangência semântica e o peso dos condicionamentos histórico-ideológicos que a designação carrega. “Expressão feminina” pode conter muitas significações, nomeadamente, autoria, modelo de comportamento convencional, imaginário feminino, canções de mulheres, travestimento intelectual masculino. Como se vê, as interpretações podem ser muitas e de variadas implicações. A “tradição oral”, por sua vez, no que se refere à voz feminina, vai sofrendo a sua quota de perseguição e amordaçamento, institucionalizados através de teorias. O mundo masculino promove estudos do “scripto, do virismo e do universalismo”.

Notas e Recensões

Pesquisas curiosas, no entanto, reforçam a presença da mulher nas comunidades rurais europeias. Na Universidade de Harvard, Ria Lemaire visita a Milman Parry Collection of Oral Literature, centro voltado sobretudo ao estudo das tradições orais iugoslavas. Ali recebe informações de Albert Lord, autor do livro *The Singer of Tales*. Ensina ele que as manifestações orais dos homens são os cantos épicos, ao passo que as das mulheres são canções de dança ou de trabalho, com significativo conteúdo lírico e narrativo. A forma dessas composições obedece à estrutura própria, diversificando-se das realizadas por homens, diferença que consiste em esquemas rítmicos e rítmicos. Nessas canções, sobressai o universo feminino, feito de sentimentos, emoções e experiências próprias, sendo as mulheres, elas mesmas, as responsáveis pela autoria e execução de suas peças que, muitas vezes, se complementam por gestualidade expressiva. As mulheres compõem, improvisam, recriam, repetem. Muitos de seus cantos são dialogados, exigindo participação de todas as mulheres presentes. Ao contrário, os cantos épicos dos homens são cantados em momentos de lazer, para o repouso, tendo público que escuta e assiste, mas não participa activamente.

Essa professora arrola o testemunho de pesquisadores, como Karl Bücher e Imre Katona, que fazem a ligação entre o trabalho e a voz feminina nas comunidades tradicionais europeias. Assim, consoante à variedade e à importância das contribuições das mulheres na vida econômica, corresponde sua produção artística e poética.

Ria Lemaire indaga o motivo por que a literatura feminina é tão pouco estudada e conhecida. A professora enfatiza a actuação das mulheres, na vida privada, enquanto guardiãs do patrimônio cultural e artístico; os homens actuam, na vida pública, cantando e apresentando-se como autores desse acervo conservado em casa. No entanto, à indagação sobre as fontes de tal repertório, a resposta, quase em maioria, aponta mães, tias, avós como transmissoras dos romances que o menino-criança ouviu e que o adulto, então, divulga.

É inegável a importância das formas e conteúdos desses géneros do popular-regional, tanto da oralidade como da escrita. A argumentação teórica e a descrição das pesquisas no espaço do livro *Fronteiras do Literário* confirmam-se pelo facto da actualidade. E os Folhetos de Cordel enriquecem-se. Realmente, enquanto essas leituras se realizam, a História do Brasil é sacudida pelo facto nacional e religioso: no dia 31 de Maio de 1997, na cidade de Recife, Estado de Pernambuco, falece Frei Damião, o Santo das comunidades carenciadas do Nordeste Brasileiro. Uma verdadeira multidão mobiliza-se desde as povoações mais escondidas para reverenciar, na Basílica da Penha, em Recife, o capuchinho que, por sessenta anos, percorrera o Nordeste, levando esperança, consolo e realizando até, pelos testemunhos que a imprensa divulga, curas milagrosas. Os ministros do Estado acrescentam suas homenagens, à devoção daquela população anônima. Junto com as preces, circula o texto com a biografia do novo Santo. Os Folhetos de Cordel acodem documentando mais um dos Mitos do Nordeste Brasileiro.